

► DO CONVENTO AO CABARET

apóstolo ostenta um estilo de vida que é o avesso do ascetismo protestante. Anda de BMW com motorista, calça sapatos Gucci e só veste fatos por medida.

A bispa partilha o gosto do marido pelo conforto. A casa de três andares onde moram, na Chácara Klabin, na zona sul de São Paulo, tem sete empregados, piscina, ginásio e garagem para os seus três carros.

#### Da pizzaria ao cinema

A vida já foi mais dura para os Hernandes. Em meados dos anos 80, Estevam ficou desempregado. Aos problemas financeiros do casal, somou-se uma série crise conjugal, com Sonia a mergulhar numa depressão tão grande que chegou a planejar o suicídio e a morte dos três filhos. Hoje diz que foi salva por Deus. «Reaproximámo-nos da igreja, e Cristo só não me



MORDOMIAS

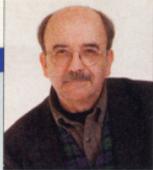
Na sua casa de três andares, não falta o ginásio

tirou das trevas como prosperou o Estevam de tal maneira que ele chegou a gerente de marketing de uma multinacional», conta.

Reconstituído, o casal investiu na recuperação de jovens toxicodependentes com a ajuda do rock gospel, cuja introdução no Brasil é reclamada pelo apóstolo. A Renascer surgiu a partir daí. Começou numa pizzaria, expandiu-se para a sede de um templo emprestado e estabeleceu-se num antigo cinema, doado por um empresário.

Hoje, são 600 os templos espalhados no país e 3 milhões as almas conquistadas, garante Estevam. Números que fazem com que, ao fim de 13 anos de existência, a Renascer dispute com a Internacional da Graça de Deus o segundo lugar no ranking das novas igrejas evangélicas que surgiram após a explosão da Universal do Reino de Deus (IURD) – ainda em primeiro lugar. Até quando? ■

© VEJAVISÃO

MANUEL  
ANTÓNIO PINA

## Louvor e simplificação dos buracos do Porto

Foi o João Botelho a primeira pessoa a chamar-me a atenção para a informe beleza dos buracos do Porto, no caso a daquele de onde, na Rotunda da Boavista, emergirá um dia, espécie de Vénus de vidro nascendo da terra, a Casa da Música de Koolhaas. Depois, o José Gomes Bandeira falou-me, entusiasmado, do magnífico abismo aberto na Praça de D. João I, desta vez destinado, parece, a um prosaico parque de estacionamento, e onde as escavadoras vêm desentranhando recalçadas memórias urbanas (paredes, escadas, pavimentos) anteriores à revolução de Pinto Bessa. Eu sempre suspeitava: algum mérito haviam de ter os buracos do Porto para suscitarem tão generalizada hostilidade. E, antecipando-se à minha razão, o meu coração já há muito lhes concedera uma confusa e solidária simpatia face aos maus modos com que têm sido tratados tanto pelas chamadas pessoas sensatas como pelos idiotas mais notáveis da cidade e da comunicação social.

É, pois, por urgentes e justificadas razões de coração que esta primeira crónica constitui um desagravo aos mal-amados buracos onde, no meio da lama e do cascalho, desordenadamente avança o trabalho de gestão e parto do Porto de amanhã (ou de depois de amanhã, de acordo com o que for do desígnio dos deuses e dos empreiteiros). Não porque, como me sugere aqui do lado o Fernando Echevarría, sejam eles pre-núncio e condição de alguma improvável ordem urbana futura, mas por presente e estrita consideração dos buracos eles-próprios, caóticos e desconformes, e pois que, parafraseando o «engenheiro naval (por Glasgow)» a propósito do binómio de Newton, um buraco é certa-

mente tão belo como a Torre dos Clérigos, o que há é pouca gente para dar por isso. (Apenas terão de excluir-se, por óbvios motivos de decência, as inimitáveis luras que a tuneladora *Micas* e os técnicos da Normetro andam a abrir sob os pés e a vida dos moradores de Campanhã, em cumprimento do melancólico testamento autárquico do dr. Fernando Gomes.)

Sob o vasto céu do Porto, vamos então, crónica e cronista, pela Cordoaria, pela Boavista, pela Rua de Sá da Bandeira, pela Batalha, e descobramos uma cidade de súbito nova e visceral, que, por uma vez, se nos abre em remotas intimidades, expondo desnudadamente os destroços dos imemoriais passados onde bebem as teses dos historiadores e os plátanos da Cordoaria, e sobre que, nos últimos anos, se acomodaram pizzarias e pubs, discotecas e prontos-a-vestir. Aventuremo-nos por caminhos nunca dantes caminhados, entre taipais e nuvens de poeira, sob as sombras ameaçadoras das gruas e das retroescavadoras, deixemos cantar rudemente, nos nossos ouvidos, há muito entorpecidos pela música ambiente dos centros comerciais, a *Ode Moderna* dos ritmos mecânicos e da gritaria dos contra-mestres. Recordemos o insolúvel enigma da infância: «Qual é a coisa qual é ela que, quanto mais se lhe tira, maior fica?» E, se formos suficientemente felizes, talvez possamos, quem sabe?, vislumbrar, vindo do fundo da memória, Marco Ferretti repetindo, nas fundações do Beaubourg, os últimos *takes* de *Touche pas la femme blanche*, Ugo Tognazzi no meio de uma barulhenta horda de sioux ou o general Custer (ou será Marcello Mastroianni?) carregando à frente do 7º de Cavalaria...

**Um buraco é certamente tão belo como a Torre dos Clérigos, o que há é pouca gente para dar por isso**